

# Artes Cênicas

*SÁBATO MAGALDI*

**S**e a origem espúria, em tempos de ditadura, apesar da orientação democrática de seus primeiros dirigentes, prejudicou a imagem inicial da antiga Escola de Comunicações Culturais, hoje Escola de Comunicações e Artes, é certo que ela se acha integrada agora no melhor espírito universitário.

No campo específico das artes cênicas, não será tolo ufanismo reconhecer que a ECA, por ter incorporado também a Escola de Arte Dramática de São Paulo como instituto anexo, tornou-se o maior celeiro de valores artísticos e o centro irradiador de cultura teatral para o país. E sua ação se estende da área do desempenho à da montagem, da crítica e da dramaturgia ao teatro aplicado à educação, numa abrangência que procura cobrir os mais variados domínios.

Pode-se entender que o ensino do atual Departamento de Artes Cênicas logo se estruturou porque absorveu a experiência da EAD, fundada em 1948 por Alfredo Mesquita. Ali já existia o modelo de uma completa escola de teatro, cujos frutos são por demais conhecidos. Mal criada a EAD, Alfredo Mesquita foi o primeiro professor recrutado para colaborar com ela. E em seguida outros professores da EAD começaram a figurar em seus quadros. Formou-se, assim, um núcleo homogêneo, que só se ampliou, no correr dos anos. A passagem para a USP criou condições profissionais para o exercício do magistério, impossíveis de manter-se às expensas apenas de seu fundador.

De início, a Escola de Arte Dramática monopolizava o curso de formação do ator, por causa mesmo da legislação, que o enquadra no nível médio (já o bacharelado em artes cênicas inclui a interpretação entre as suas habilitações). Mas, considerando que o texto, a direção, a cenografia e a indumentária são filtrados pela presença física do ator, parece absurdo que ele permaneça no nível médio, ao passo que tudo que o rodeia pertence ao nível superior. Por isso, e pelo currículo do bacharelado, o Departamento de Artes Cênicas também forma atores, que ademais se prestam aos exercícios necessários à prática total do teatro.

Encontram-se atores preparados na EAD e no Departamento de Artes Cênicas em numerosos elencos, na televisão e no cinema, atestando a eficácia dos cursos. E, em pouco mais de duas décadas de forma-

tura, a ECA já lançou no mercado de trabalho encenadores de prestígio como José Possi Neto, Cacá Rosset, Francisco Medeiros, Gabriel Villela, William Pereira, Antônio Araújo, entre outros.

A crítica teatral foi, durante muitas gerações, território de autoidatas. Com a criação de cursos especializados, que disciplinam o conhecimento histórico, fica muito difícil enfrentar o trabalho jornalístico sem um sólido preparo teórico. O crítico precisa mover-se nos mais variados temas, sob pena de não ter reconhecida a autoridade. Dos bancos da EAD e da ECA já saíram críticos e ensaístas como Alberto Guzik, Ilka Marinho Zanotto, Mariângela Alves de Lima, Edélcio Mostaço, Maria Lúcia Pereira, Jefferson Del Rios, George Moura, Sérgio Carvalho, Nanci Fernandes, Maria Thereza Vargas e Antônio Mercado, por exemplo. E a lista seria mais ampla, se não fosse tão precária a profissionalização na imprensa.

Entre os dramaturgos formados pelas duas escolas, citam-se, entre outros, Jorge Andrade, Lauro César Muniz, Renata Pallotini, Jandira Martini, Noemi Marinho, Marcos Lazarini e Bosco Brasil. E vários deles impuseram-se depois que os rumos do palco dificultaram muito, de novo, o aproveitamento do texto brasileiro.

O Departamento de Artes Cênicas deu ênfase a uma disciplina que só recentemente se vem expandindo: o teatro aplicado à educação. Não apenas esse ramo constrói suas bases teóricas, mas os colégios admitem profissionais especializados, que prestam inestimável contribuição ao ensino.

Os cursos de pós-graduação em Artes Cênicas adquiriram, muito antes do que seria normal esperar, uma importância fundamental. Em primeiro lugar, estão proporcionando a titulação dos próprios professores do Departamento, o que os integra na carreira universitária. Depois, estendem esse benefício aos docentes de outras universidades de São Paulo e aos de cursos espalhados pelo Brasil inteiro. Eles têm fornecido o mestrado e o doutorado a pós-graduandos do Maranhão, de Pernambuco, da Paraíba, de Minas Gerais, do Paraná, do Mato Grosso, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, comprovando, também nessa esfera do conhecimento, o poder multiplicador da Universidade de São Paulo.

Não há hoje, no país, no campo do teatro, pesquisa mais ativa do que a desenvolvida nos cursos de pós-graduação da ECA. Deixando de lado o trabalho dos professores, para só mencionar o que resultou em livros de ex-alunos, citam-se: *Diálogos sobre teatro* (organização); *Oficina: do teatro do te-ato e Uma oficina de atores – a Escola de Arte Dramá-*

*tica de Alfredo Mesquita*, de Armando Sérgio da Silva; *Natureza e sentido da improvisação teatral*, de Sandra Chacra; *Um vó brechtiano* (organização), *Jogos teatrais* e *Brecht: um jogo de aprendizagem*, de Ingrid Dormien Koudela; *Qorpo santo: surrealismo ou absurdo?* e *O teatro simbolista no Brasil*, de Eudinyr Fraga; *Performance como linguagem*, de Renato Cohen; *Kyogen – o teatro cômico do Japão*, de Sakae Murakami Giroux; *No reino da desigualdade*, de Maria Lúcia de Souza B. Pupo; *TBC: crônica de um sonho*, de Alberto Guzik; *Semiologia do teatro*, organização de J. Guinsburg, J. Teixeira Coelho Netto e Reni Chaves Cardoso; *Teatro da militância*, de Silvana Garcia; *Um teatro da mulher*, de Elza Cunha de Vincenzo; *Os teatros bunraku e kabuki: uma visada barroca*, de Darci Kusano; *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, de Bárbara Heliodora; *Um ato de resistência – o teatro de Oduvaldo Vianna Filho*, de Carmelinda Guimarães; *O teatro de revista no Brasil – dramaturgia e convenções*, de Neyde Veneziano; *TAP – sua cena e sua sombra* (no prelo), de Antônio Cadengue; *Teatro em Mato Grosso*, de Alcides Moura Lott; *Teatro de formas animadas e Teatro de bonecos no Brasil* (no prelo), de Ana Maria Amaral; *Introdução à dramaturgia*, de Renata Pallottini; *A aprendizagem do ator*, de Antônio Januzelli, Janô; *História e formação do ator* e *O que é o ator*, de Ênio Carvalho; *O jazz como espetáculo*, de Carlos Calado; e *Teatro com meninos de rua* (no prelo), de Márcia Pompeo Nogueira. Não se comparam, nessa relação, as numerosas dissertações de mestrado e teses de doutoramento que ainda continuam inéditas, embora passíveis de consulta em bibliotecas, e as incontáveis publicações em revistas.

Basta um exame dos títulos para se ver que a pós-graduação em Artes Cênicas da ECA tem proporcionado verdadeiro mapeamento da atividade teatral no Brasil, além de aspectos fundamentais da História do Teatro no mundo e de questões teóricas relevantes, incluindo a pedagógica.

A leitura desses dados permite até conjecturar que o ensino do teatro, na ECA, está próximo da perfeição. Longe disso, todos têm consciência de seus problemas, a começar pela falta de uma verdadeira sala de espetáculos, instrumento obrigatório em qualquer escola que se preze. Locais improvisados servem de arremedo ao que deveriam ser condições técnicas satisfatórias, para o pleno aprendizado. Não se compreende que administrações sucessivas tenham empacado, até o momento, nessa exigência básica.

As outras deficiências dizem respeito à própria estrutura universitária, cada vez mais burocratizada e que não conseguiu resolver a incompatibilidade entre o ensino e a pesquisa e a pesada carga de reuniões,

relatórios e papéis inúteis. Continuando a desagradável pressão que existe sobre o professor, não demorará muito para que ele emende a presença em colegiados e fique sem tempo para dar aulas, quanto mais para fazer pesquisas. E os baixos salários desestimulam a dedicação exclusiva.

Somadas as várias circunstâncias negativas, é quase um milagre que seja tão expressiva a produção da ECA no terreno das artes cênicas, da mesma forma que é milagrosa a sobrevivência da maioria dos assalariados no Brasil.

*Sábato Magaldi* é professor da Escola de Arte Dramática da Escola de Comunicações e Artes da USP.